

## Vergílio Ferreira - ou os limites do escrever

Cinco anos após a sua morte, acaba de ser publicado o primeiro livro póstumo de Vergílio Ferreira com o título **Escrever** e que se integra mais na linha de **Conta-Corrente** do que no ensaísmo reflexivo e estético de **Pensar** (1992), mesmo que o Autor chegasse a ter o propósito de o intitular como **Pensar-II**. Mas dizemos que se insere mais nas intenções literárias e diarísticas de **Conta-Corrente** porque entre os 378 textos ou anotações avulsas do livro se pode com clareza perceber que a intenção foi a de uma vez mais proceder ao registo dos dias que antecederam a sua morte (e o último texto foi escrito no dia anterior a esse primeiro de Março triste de 1996), mesmo que por vezes evite referir o nome ou facto que observa e critica, como abundantemente fez nos vários volumes de **Conta-Corrente**.

Mas **Escrever** coloca de novo o problema da coerência literária que marca toda a obra vergiliana: a de sabermos que nem sempre a literatura pode estar de acordo com a vida, ser o seu sinal evidente e mais aproximado - e todavia é. E por isso podemos reafirmar que sempre a voz pessoalíssima de Vergílio Ferreira nos invoca os sinais visíveis de quem, na obsediante procura de uma clara "explicação" ou "justificação" para a vida a não encontrar face à inverosimilhança da morte ("E nunca mais até hoje soube inventar outro problema", confessa o narrador de **Aparição**). Porque é exacto e verdadeiro dizer-se que toda a obra de Vergílio Ferreira apela, na coerência da sua problemática, para uma fraternidade entre os homens, grita até ao cansaço a plenitude da vida, onde desapareçam todas as formas de injustiça ou de opressão para se fazer ouvir a "voz original" desse mundo absoluto, a voz das origens mais longínquas e profundas, por onde ressoem sinais nítidos de uma sinfonia em louvor da vida e os homens não desesperem. "O que existe para o homem é o absoluto da sua hora e tudo o que para lá existe, existe apenas coordenado com ela, a ela subordinado", proclama em **Invocação ao Meu Corpo** (1970).

E nessa forma de tudo globalizar poder assim encontrar talvez uma "explicação" para o que é no homem mais essencial, a obra vergiliana define-se dentro de coordenadas que, na aceitação ou recusa dos seus valores mais autênticos, sempre exigiu que essa coerência intelectual se fizesse por entre muitos sobressaltos, mas sem deixar que o seu itinerário tão próprio e de excepção na literatura portuguesa do século passado, se desviasse da sua linha recta pela atitude inconfundível de ter encarado a literatura como o acto maior e único "de estar vivo". E até ao fim.

Por isso, esta edição de **Escrever** (a cargo de Helder Godinho, que coordena a Equipa que estuda o espólio literário de Vergílio Ferreira), estruturada em redor de textos escritos ao sabor da corrente e reflectindo sobre a arte, a literatura, a vida, a morte, a filosofia, a política, revela-se uma vez mais como essa "arte de composição" que prolonga um ciclo de ensaísmo breve, sempre no propósito de se interrogar sobre que sentido "dar à vida", pela escrita e pelo pensamento, debruçando-se sobre o impensável de si mesmo, na hora de despedida, nos horizontes profundos e extremos, não de um falar por falar, mas antes na plena consciência de que escrever "é ter a companhia do outro de nós que escreve. Portanto não te comovas muito, mesmo que ele se queixe. Porque abaixo dessa lamentação está o vazio infinito da infinita desistência ou desinteresse onde a palavra já não chega. Quando o que escreve aí desce, a morte tem a sua possibilidade. Porque deixa de ter significação" - pág. 17.

Mas nos limites possíveis e pessoais desse "acto de escrever" o que se evidencia na aparente simplicidade de muitos destes breves textos é ainda um apelo, ou uma recorrência fiel e coerente, a esse mesmo equilíbrio interior de quem sabe e declara que "a força da nossa verdade tem que ver com a verdade da nossa força". E, na simples humildade deste livro, feito sem pensar em forma de um "testamento literário", o que nele mais se impõe é a lógica impressiva da sua permanente interrogação sobre a arte e a vida, que foram os pólos de uma prolongada interrogação ou explicação dada a si mesmo em mais de cinquenta anos de ofício literário e numa obra que, entre a ficção inventiva e o ensaísmo reflexivo, foi a herança deixada pelo autor de **Para Sempre**, não com o propósito de ainda desafiar a eternidade, mas talvez como forma de "clamar até aos astros que a verdade somos nós e que a sua razão última, contra todas as perturbações e oposições no dizer e pensar, é o porque sim, que é a última razão indiscutível já sabida desde a infância".

Livro em que os limites do escrever se espraíam numa meditação sentida e comovida tantas vezes, pelo recurso à anotação breve sobre o quotidiano imediato, entrecruzando com observações filosóficas que são o corolário de um pensamento afirmativo e interrogativo em muitíssimas páginas dos ensaios de **Espaço do Invisível**, o que nesta obra póstuma mais prende a atenção dos leitores é ainda essa intenção, chegada de longe, de Vergílio Ferreira poder reafirmar esse "equilíbrio interior" ou o mesmo "sentimento estético" como pedras angulares para um melhor e claro entendimento de toda a sua obra. Portanto, se outros méritos não tiver, **Escrever** vale por ser um livro-síntese das linhas de força que sustentam toda a obra vergiliana, que nos ficou como testemunho ou depoimento de quem aos oitenta anos se foi desta vida com as palavras com que encerra este livro: "*Uma vida longa é uma vida curta porque são restos de nós que ela vai aproveitar. Amores que se perderam, projectos que se esgotaram, mesmo alguma glória que também pôde acontecer, são no fim a degradação, o esvaimento do espírito, a abjecção da sordidez e humilhação. Morrem jovens os que os deuses amam. Deve ser verdade. Para que eles recolham a si o que é mais belo e triunfal da vida. E é só*".

Por último, dizer que esta edição feita por Helder Godinho não é ainda a "edição crítica" que se impõe de toda a obra vergiliana, mas se revela como trabalho importante para dar ao leitor todos os pormenores de escrita do próprio livro, que Vergílio Ferreira não pôde reler nem rever e, portanto, a edição tem mais de mil e duzentas notas para

melhor se entender a "genética" da escrita ou como modo de interpretar aspectos menos evidentes da sua redacção, em letra sempre tão miudinha que dificulta a leitura ou a torna por vezes intraduzível, mas que aparece nesta edição como um trabalho literário de grande rigor e atenção crítica.

**Serafim Ferreira**

**Vergílio Ferreira**  
**ESCREVER**  
**Edição de Helder Godinho**  
**Bertrand Editora / Lisboa, 2001.**